Dia 21 — São Dositeu, Confessor

Nenhuma coisa ensina melhor, nem tão bem, como os exemplos. Por isso quis o Senhor propô-los a nós em todas as idades, em todas as condições, em todos os estados, atalhando por este meio os falsos pretextos de que pudesse servir-se nosso amor-próprio para desviar-nos da virtude. Quis confundir nossa covardia, pondo-nos à vista a santidade daqueles que, sendo mais jovens, mais débeis, mais delicados, menos sábios que nós, nem por isso deixaram de chegar a um eminente grau de virtude, ainda cingidos sempre dentro dos limites dos empregos menos lustrosos e das ações mais comuns e ordinárias.

Foi Dositeu um jovem nobre, filho de um prefeito, isto é, do ministro da guerra, ou de um tribuno, que era um oficial que mandava em chefe um corpo de tropas, como são nossos mestres de campo. Como estava na flor de sua idade e era de bela disposição, airoso e bem proporcionado, era também as delícias de toda a sua família e o ídolo de seu pai, que o criou com a maior delicadeza e com o maior regalo. Embora fossem cristãos seus pais, deram-lhe uma lastimosa educação, mantendo-o numa total ignorância da religião cristã e, por medo de afadigá-lo e de tirar-lhe a liberdade, não o aplicaram aos estudos, deixando-o viver sem dar-lhe a mais leve tintura de letras nem de faculdades. Se Dositeu não se precipitou nas mais funestas licenças da juventude, deveu-o à boa inclinação de sua bela índole ou, por melhor dizer, à especial graça com que o céu o preservou dos maiores escolhos. Era Dositeu de um natural doce, gracioso e aprazível; ao que acrescentando-se a formosura de seu semblante, a proporção airosa de seu talhe, a delicadeza e brancura de sua tez, com uns modos desembaraçados, modestos e cheios de uma nobre ingenuidade, junto tudo com uma rara inocência de costumes, faziam-no universalmente amado de todo o mundo. Sobretudo, o pai estava tão enfeitiçado com seu filho que não sabia negar-lhe gosto algum; e esta excessiva condescendência foi a causa de sua grosseira ignorância.

Nesta regalada ociosidade vivia Dositeu quando ouviu falar da viagem à Terra Santa. O Senhor, que tinha particulares desígnios sobre aquela alma privilegiada de sua graça, inspirou-lhe o desejo de fazer esta viagem. Apenas deu a entender a seu pai a curiosidade que se lhe havia excitado, no mesmo instante providenciou tudo o necessário para comprazê-lo. Estavam alguns oficiais para fazer aquela jornada por devoção, e o tribuno lhes pediu que levassem consigo seu filho Dositeu, fazendo-lhe o gosto de cuidar de sua comodidade e de seu regalo. Apenas chegaram a Jerusalém, todas as coisas grandes e santas que via naqueles sagrados lugares o tinham como que enlevado, fazendo-lhe especialmente grande impressão tudo o que ouvia dizer de nossos sacrossantos mistérios. Conduziu-o um dia a divina Providência a certa igreja perto de Getsêmani, que é um vale ao pé do monte das Oliveiras, distante alguns centenares de passos de Jerusalém, e viu nela uma pintura que lhe chamou toda a atenção. Era um vivíssimo retrato dos tormentos que os condenados padecem no inferno; e, como nosso jovem ignorava inteiramente o que a fé nos

ensina neste ponto, ficou como suspenso e atônito. Considerava imóvel aquele horroroso quadro, fixos os olhos em todas as tristes figuras que nele se representavam, quando se aproximou dele uma senhora vestida de púrpura, respeitável por sua majestosa gravidade e por todo o seu ar celestial, a qual lhe explicou o que significava aquela pintura, declarando-lhe todos os seus mistérios. Aturdido Dositeu com o que estava ouvindo, escutava a senhora com um profundo silêncio; mas, voltando a si do assombro, perguntou-lhe cortesmente o que faria para evitar a desgraça de cair naqueles horrendos suplícios: Filho meu — respondeu-lhe a matrona —, se queres não ser do número dos condenados, jejua, não comas carne e ora sem cessar; e, dizendo isto, desapareceu. Nunca duvidou nosso santo de que esta senhora havia sido a santíssima Virgem, e assim lhe professou sempre uma ternissima devoção, que cada dia foi crescendo até a morte.

Logo que Dositeu voltou à pousada, começou a pôr em prática o conselho daquela celestial Senhora. Seu jejum, sua abstinência, sua oração contínua e seu perpétuo recolhimento admiraram os oficiais em cuja companhia havia vindo. Não pouparam diligência alguma para diverti-lo, para fazê-lo comer e para distraí-lo; mas não foi possível fazê-lo mudar de método. Vendo sua constante perseverança, disseram-lhe que aquela vida não era correspondente a um homem do mundo e que, se pensava conservá-la até a morte, estaria melhor num mosteiro. Dositeu, que jamais havia ouvido falar do estado religioso, perguntou que coisa era mosteiro. Responderam-lhe que mosteiro era uma casa santa e recolhida, onde se encerravam os que queriam viver unicamente para o céu, passando a vida sob a obediência de um prelado, em exercícios de penitência e de oração, sem comunicação com os seculares. Agradou-lhe tanto esta descrição da vida religiosa que não deixou em paz aqueles cavaleiros até que o levassem a um mosteiro. Um deles o conduziu ao abade Serido, que era amigo seu. Logo que o viu o santo abade, ficou enamorado dele e perguntou-lhe o que queria. Ele só respondeu: Salvar-me. Com tudo isso, conhecendo o prudente abade por seu vestido, por sua delicadeza, por seu ar e por todos os seus modos que era jovem de muito distinguida qualidade, e suspeitando que talvez teria feito alguma travessura, pela qual se teria escapado de sua casa fugindo do castigo, temeu que, se o recebia, teria talvez que padecer o mosteiro. Com estes temores chamou São Doroteu, que era seu principal discípulo, e, declarando-lhe o que receava, encarregou-lhe que examinasse a devoção daquele jovem. Doroteu, que tinha conhecidamente o dom de discrição de espíritos, examinou-o muito devagar; mas não pôde tirar dele outra coisa senão que queria salvar-se e pedia por graça que o recebessem no mosteiro. Quando Doroteu deu conta ao abade de sua comissão, disse-lhe que havia descoberto naquele jovem um natural tão belo, tão bom fundo, tanto candor e tanta sinceridade que não podia duvidar de que fosse muito legítima e muito perfeita sua vocação e que não havia que temer. Assegurado São Serido com este ditame, recebeu-o no mesmo instante, e foi-lhe encarregado ao mesmo Doroteu, o qual, sendo enfermeiro, fê-lo seu aluno.

Vendo o prudente Diretor, com aquela grande discrição de espíritos de que o Senhor o havia dotado, que seu novo discípulo era jovem, terno, delicado e criado com todo regalo, não quis sujeitá-lo desde logo a todas as austeridades e mortificações que os demais monges praticavam; contentou-se por então com ensinar-lhe a obedecer com alegria e com pontualidade, a não ter vontade própria, a mortificar suas inclinações e a desprender seu coração até das coisinhas mais miúdas. Aplicou-se a fazê-lo amar a humildade e as humilhações, e pouco a pouco lhe ensinou a ser sóbrio. No princípio lhe disse que comesse todo o pão que a seu parecer houvesse mister para contentar seu apetite, mandando-lhe somente que lhe desse conta da quantidade de pão que

comia cada vez. Obedeceu à letra Dositeu, dando conta pontual a seu mestre do pão que comia. Passados alguns dias, aconselhou-lhe que fizesse experiência de se, cerceando alguma curta porção daquela quantidade, sentia novidade na saúde. Fê-lo assim o santo mancebo; e, dizendo a seu mestre que não experimentava a menor novidade: — Pois, filho meu — replicou-lhe o prudente Doroteu —, prova por quinze dias se, deixando em cada um deles meia onça de pão, por amor de Deus, te sentes menos robusto. Deitou Deus a bênção à indústria do mestre e à docilidade do discípulo; porque Dositeu, a quem não bastavam ao dia quatro libras de pão nos princípios de sua conversão, reduziu-se insensivelmente a contentar-se com só oito onças, sem ter enfraquecido nem experimentado em suas forças decadência.

Morto o santo abade Serido, foi colocado em seu lugar São Doroteu. O novo abade, que conhecia bem tanto a delicada compleição como a débil saúde de seu querido discípulo Dositeu, tinha grande cuidado de moderar seu fervor, que ia crescendo cada dia, atemperando prudentemente os empregos a suas forças. Deixou-o no ofício de enfermeiro, limitando-o a que tivesse asseada a enfermaria e a que cuidasse do regalo dos enfermos e que nada lhes faltasse. Exortava-o a estar continuamente na presença de Deus, a corrigir-se cada dia de algum defeito, a não deixar sem dor e sem castigo as menores faltas, a não fazer coisa alguma por sua própria vontade, a não ter apego a pessoa nem a coisa alguma desta vida, a não executar até as ações mais miúdas e mais ordinárias senão puramente por motivo de agradar a Deus e a não temer nada tanto como desagradar-lhe.

Pôs em execução o santo mancebo com a maior exatidão estes salutares conselhos, cuja pontual fidelidade em observá-los o fez chegar em menos de cinco anos a uma eminente santidade, pelo contínuo exercício das ações mais comuns e de menos ruído. Jamais se desmentiam sua doçura, sua modéstia e sua profunda humildade, sempre igual, sempre oficioso, sempre alegre; de maneira que só com ver aquele risonho e angelical semblante se consolavam os enfermos. Todo o seu estudo era fazer perfeitamente todas as ações; nenhuma falta se perdoava; e, se lhe sucedia alguma vez ou levantar algo mais a voz ou escapar-lhe algum repentino ímpeto de seu natural, estava inconsolável.

Tendo falado em certa ocasião com alguma maior viveza a um dos irmãos que assistiam aos enfermos, retirou-se à cela e, prostrado em terra com a boca no chão, não cessava de chorar e de gemer. Viu-o um monge e foi dar conta ao abade, que, achando-o neste estado, banhado em suas próprias lágrimas: — Filho — perguntou-lhe —, que significa esse pranto, e por que choras? — Pai — respondeu Dositeu —, porque sempre sou imperfeito e acabo de ofender a Deus, falando asperamente a meu irmão. — Deus te perdoou essa falta — respondeu o abade —; levanta-te e volta a teu ofício. Obedeceu; levantou-se no mesmo instante e, voltando a sua serenidade e a sua alegria ordinária, prosseguiu cumprindo com seu emprego com mais fervor que nunca.

Não podia subir mais de ponto o candor e a ingenuidade. Descobria a seu pai espiritual até os mais mínimos pensamentos que se lhe ofereciam. Acabava um dia de fazer as camas aos enfermos e, parecendo-lhe que as havia feito com algum asseio, teve certa secreta complacência. Casualmente apareceu então por ali São Doroteu, e o sinceríssimo discípulo lhe disse: — Pai, vem-me vaidade, porque me parece que fiz bem as camas. — Filho — respondeu-lhe no mesmo instante o prudente mestre —, isso quando muito provará que és bom enfermeiro; mas não prova que és bom religioso.

O medo que tinha Doroteu de que a um coração tão puro não se atrevesse o mais mínimo apego obrigava-o a criá-lo com um total desprendimento. Deu-lhe um dia pano para que fizesse um hábito novo; trabalhou nele Dositeu muitos dias, e lhe custou muita fadiga costurá-lo. Levou-lho por fim ao abade; o abade mandou-lhe que o desse a outro monge e que ele fizesse outro hábito novo para si. Executou-o o santo jovem, e repetiu-se com o segundo hábito o mesmo que se havia feito com o primeiro. Muitas vezes lhe fez repetir estes sacrifícios em semelhantes atos de desprendimento, e Dositeu os fazia não só sem queixar-se, não só sem repugnância, mas cada vez com maior alegria.

Deu-lhe um dia o mordomo da casa uma faca muito linda para que se servisse dela em seu ofício; e, levando-a logo ao abade, pediu-lhe licença para guardar aquela alfaiazinha tão curiosa e usar dela em serviço dos enfermos. Conheceu logo o sagaz prelado a inclinaçãozinha que mostrava seu querido discípulo àquele móvel e, como todo o seu estudo era desprender aquele inocente coração do mais mínimo apego: — Pois quê, Dositeu — disse-lhe —, queres ser escravo de uma faca desprezível, em prejuízo do perfeito desprendimento que Deus te pede? Esse afetozinho a um vil instrumento reparte o coração, que deve ser todo de Deus e que sua Majestade quer possuir só como seu único e soberano dono. Assim, pois, dou de bom grado licença para que essa faca sirva aos enfermos; mas ordeno ao irmão Dositeu que não a toque. Observou inviolavelmente a ordem do superior, porque a faca se aplicou logo à enfermaria para uso dos enfermos; mas nosso santo enfermeiro, em quatro anos que esteve no ofício, jamais a tocou, nem sequer por descuido.

Chegou nele até onde pôde chegar a perfeição da obediência cega, pois se lhe viram fazer atos heroicos desta grande virtude com aquela santa simplicidade que autoriza Deus muitas vezes com prodígios e qualifica com milagres. O menor sinal da vontade do superior era para ele um preceito expresso, tanto que era preciso que andasse com grande cuidado o abade para não dar o mais leve indício dela. E não era isto falta de advertência ou de capacidade; pois era Dositeu de um entendimento sólido, vivo, brilhante e desembaraçado; nascia unicamente de uma obediência tão cega e tão perfeita que se duvida com razão se se viu jamais no mundo religioso mais obediente.

Compraz-se Deus em comunicar-se às almas puras e humildes; assim é que, embora Dositeu não tivesse a mais leve tintura de letras nem de doutrina, possuía um conhecimento tão compreensivo e uma inteligência tão clara, tão limpa, dos mais elevados, dos mais profundos mistérios da Religião, que algumas vezes falava deles como homem divinamente inspirado. A atenção com que Doroteu procurava manter na humildade seu discípulo obrigava-o a humilhá-lo todas as vezes que este jovem irmão lhe fazia perguntas sobre a Religião demasiado altas. Dositeu admitia com gozo essas humilhações; e o maior gosto que se lhe podia proporcionar era repreendê-lo por sua ignorância.

Cinco anos passou nosso santo nestes exercícios de obediência, de exatidão, de humildade, de uma contínua união com Deus e outros atos, pequenos na verdade, mas próprios de uma devoção ternissima. De noite só assistia à última parte das matinas, segundo se lhe havia ordenado, em atenção a sua pouca saúde. De dia cuidava dos enfermos e comia um pouco de peixe às horas assinaladas. Adoecia do peito, lançando sangue pela boca; e esta foi a enfermidade que por fim lhe tirou a vida. A inquietude e as dores que lhe causava nunca puderam arrancar-lhe um leve sinal de impaciência; sua ordinária oração era esta: Senhor, tende misericórdia de mim; doce Jesus meu,

assisti-me; Virgem santíssima, minha querida mãe, não me negueis vosso favor. Disse-lhe um irmão que o poderiam aliviar uns ovos frescos; mostrou algum desejo de tomá-los; mas, caindo depois em conta e parecendo-lhe que esta era inclinação sensual, detestou-a e acusou-se ao abade como de uma tentação a que havia dado ouvidos.

Ao passo que cresciam suas dores, crescia também sua resignação e sua paciência. Reduziu-o a debilidade a não poder mover-se; e, perguntado por São Doroteu se fazia sempre sua costumada oração: Ai, pai! — respondeu no mesmo instante —, e como a faço; por sinais, que não posso fazer outra coisa. Sentindo que já lhe iam faltando as forças, pediu com grande humildade a seu santo diretor que lhe desse licença para acabar as dores com a vida. Tem um pouco de paciência, filho meu, que perto está a misericórdia do Senhor — respondeu-lhe Doroteu. Tendo passado algumas horas numa íntima união com Deus, ao aproximar-se a noite voltou-se docemente a seu santo abade e lhe disse: Pai, permite-me acabar em paz meu desterro. Respondeu-lhe Doroteu cheio de ternura, com lágrimas nos olhos: Vai-te em paz, filho meu, e põe-te com muita confiança na presença de teu Deus, que quer fazer-te participante de sua glória; roga a sua Majestade por nós. No mesmo ponto expirou o santíssimo jovem, como se não tivesse querido morrer senão por obediência.

Fazia grande estranheza a alguns monges anciãos a extraordinária opinião que o santo abade tinha da eminente santidade de seu amado discípulo. Dositeu — diziam entre si — não jejuava; dispensava-se-lhe nos exercícios mais penosos da religião; tratava-se-lhe com uma demasiada indulgência; pois em que consistia sua extraordinária virtude? Mas Deus quis dar-lhes a entender a que grau tão sublime de virtude se pode chegar em pouco tempo pelo exercício de uma perfeita obediência. Apenas morreu Dositeu, Doroteu teve revelação do elevado grau de glória que havia merecido seu querido discípulo; e outro santo velho que pedia a Deus com grande instância que lhe desse a conhecer os monges daquele mosteiro que ocupavam mais eminente lugar no céu viu Dositeu no meio de uma multidão de santos, brilhando com resplendor sobressalente ao de todos eles.

São Félix, Bispo

Neste dia faz comemoração o Martirológio Romano de São Félix, bispo de Metz, cidade da Gália Bélgica, a qual mereceu receber a luz do Evangelho desde o tempo apostólico e teve a honra de ter por seu primeiro prelado a São Clemente, mártir, discípulo de São Pedro, por segundo a São Celestino, sendo São Félix o terceiro. Este varão, digno dos maiores elogios pela exatidão no cumprimento de seu ministério, modelo de todas as virtudes episcopais, amantíssimo das santas vigílias, depois de ter governado aquela igreja por espaço de mais de 40 anos como um verdadeiro sucessor dos apóstolos, devendo-se a seu infatigável zelo o aumento da lei de Jesus Cristo, morreu cheio de merecimentos pelos anos de 128. Seu corpo foi sepultado junto aos de São Clemente e São Celestino, seus predecessores, e trasladado depois à Saxônia pelo imperador Henrique. O Senhor se dignou fazer sua memória célebre com a multidão de milagres que obrou pela intercessão de seu servo.

Martirológio Romano

Na Sicília, setenta e nove santos mártires que, tendo sofrido no tempo de Diocleciano diversos tormentos, mereceram receber a recompensa devida à firmeza de sua fé.

Em Adrumeto, na África, os santos Vérulo, Secundino, Sirício, Félix, Sérvulo, Saturnino, Fortunato, com outros dezesseis mais, que, na perseguição dos vândalos, foram martirizados em defesa da fé católica.

Em Citópolis, na Palestina, São Severiano, bispo e mártir.

Em Damasco, São Pedro Mavimeno, o qual, por ter dito a alguns árabes que vinham vê-lo em sua enfermidade: Todo o que não abraça a fé cristã e católica se condena, como vosso falso profeta Maomé, no mesmo instante foi por eles assassinado.

Em Ravena, São Maximiano, bispo e confessor. Em Metz, São Félix, bispo. Em Bréscia, São Paterio, bispo.

Missa (oração)

A missa é a do domingo precedente, e a oração é a que corresponde ao sexto domingo depois da Epifania.

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut semper rationabilia meditantes, quæ tibi sunt placita, et dictis exsequamur et factis: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Concedei-nos, onipotente Senhor, que, não pensando jamais em fazer o que não for racional e justo, executemos em obras e em palavras tudo aquilo que for de vosso agrado: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 2 da primeira de São João.

1 João 2,12-17

>

> **Latim:** [12] Scribo vobis, filioli, quoniam remittuntur vobis peccata propter nomen ejus. [13] Scribo vobis, patres, quoniam cognovistis eum, qui ab initio est. Scribo vobis, adolescentes, quoniam vicistis malignum. [14] Scribo vobis, infantes, quoniam cognovistis patrem. Scribo vobis juvenes, quoniam fortes estis, et verbum Dei manet in vobis, et vicistis malignum. [15] Nolite diligere mundum, neque ea quæ in mundo sunt. Si quis diligit mundum, non est caritas Patris in eo : [16] quoniam omne quod est in mundo, concupiscentia carnis est, et concupiscentia oculorum, et superbia vitæ : quæ non est ex Patre, sed ex mundo est. [17] Et mundus transit, et concupiscentia ejus : qui autem facit voluntatem Dei manet in æternum.

Português: [12] Eu vos escrevo, filhinhos, porque os vossos peccados vos são perdoados pelo seu nome. [13] Eu vos escrevo, pais, porque conhecestes aquelle, que he des do principio. Eu vos escrevo, moços, porque vencestes o maligno. [14] Eu vos escrevo, meninos, porque conhecestes o Pai. Eu vos escrevo, moços, porque sois fortes, e porque a palavra de Deos permanece em vós, e porque vencestes o maligno. [15] Não ameis ao mundo, nem ao que ha no mundo. Se algum ama ao mundo, não ha nello o amor do Pai. [16] Porque tudo o que ha no mundo, he concupiscencia da carne, e concupiscencia dos olhos, e soberba da vida: a qual não vem do Pai, mas sim do mundo. [17] Ora o mundo passa, e tambem a sua concupiscencia. Mas o que faz a vontade de Deos, permanece eternamente.

Nota

«Já foi dito em outra parte que São João era de uma idade muito avançada quando escreveu esta epístola, que, no parecer de Santo Agostinho, foi dirigida aos partos, isto é, aos fiéis que viviam na província de Partênia. O assunto parece o mesmo que teve o santo apóstolo para escrever seu evangelho. Dá princípio a uma e a outra obra estabelecendo a divindade do Verbo, contra os erros de Ebião e Cerinto, que negavam a Jesus Cristo a qualidade de verdadeiro Filho de Deus; e também estabelece a verdade de sua encarnação, contra Basílides, que lhe negava a humanidade. Ensina ao mesmo tempo a fé e a necessidade das boas obras quando recomenda tanto a caridade.»

Reflexões

Quem está aceso no fogo do amor de Deus quisera inflamar no mesmo incêndio os corações de todos. Este é o assunto, esta a matéria de todas as cartas do amado discípulo. Na presente, recorda aos fiéis os benefícios particulares que receberam da mão benéfica de Jesus Cristo; e quanto diz em particular a cada um dos estados e a cada uma das idades se pode muito bem acomodar a todas. Com efeito, que maior motivo para que amem este divino Salvador os meninos

que representar-lhes como pela virtude e pelos méritos de Jesus Cristo lhes foi perdoado no batismo o pecado original e passaram a ser filhos de Deus? *Scribo vobis, filioli, quoniam remittuntur vobis peccata propter nomen ejus.* Pela infinita misericórdia do Senhor todos gozamos a mesma ventura e o mesmo benefício; mas compreendemos bem esta ventura que gozamos? Somos muito agradecidos a um benefício tão essencial? Em virtude da regeneração à graça que logramos pelo batismo, Jesus Cristo se dignou fazer-nos co-herdeiros seus; porque, sendo filhos adotivos de Deus, como tais somos herdeiros forçosos de sua glória. Tem-se muito cuidado de ensinar com tempo aos meninos uma verdade de tanto consolo para todos? *Scribo vobis, adolescentes, quoniam vicistis malignum*: A vós escrevo, jovens, porque vencestes o maligno espírito. Em todo tempo foi a juventude a idade mais crítica, a mais perigosa para a salvação. Chama-se a bela estação dos prazeres e com mais razão se poderia chamar a infeliz estação dos pecados. Mas quem terá a culpa de que não seja a ditosa estação das virtudes? Precede-a uma idade toda inocente; nasce a juventude, por assim dizer, com as mais belas disposições para a virtude. Um coraçãozinho novo, um espírito desembaraçado de prevenções, uma consciência delicada, uma razão não gasta nem corrompida: tudo isto faz aquela idade muito própria para a virtude, e entra depois a graça com toda a força que é preciso para domar umas paixões que acabam de nascer e para vencer um inimigo que, não tendo logrado até então vantagem alguma sobre o coração, facilmente pode ser derrotado. Que desgraça a dos jovens que não conhecem estas vantagens que logram e, se as conhecem, não se aproveitam delas! *Scribo vobis, patres, quoniam cognovistis eum qui est ab initio*: A vós escrevo, pais de família, porque tivestes a ventura de conhecer aquele que é desde a eternidade. Não há bem, não há fortuna, não há motivo algum de alegria nem de consolo na terra senão enquanto se refere a Deus. A honra de ser cristãos vale mais que todos os pomposos títulos, que todas as grandezas do mundo. Mas temos uma justa ideia, um conceito cabal desta incomparável honra? Que estima fazemos de nossa religião? Julguemo-lo pelo apreço que fazemos das máximas do Evangelho. *Nolite diligere mundum, neque ea quæ in mundo sunt*: Não ameis o mundo nem as coisas que são do mundo. Fausto pomposo, modas imodestas, usos pouco cristãos, concursos perigosos, licenciosos prazeres, diversões quase contínuas, vida regalada, jogos, bailes, espetáculos profanos: tudo o que é do mundo é contrário ao espírito de Deus. E se alguém ama o mundo, não tem amor a seu Pai celestial. Mas que pensam desta moral os homens do mundo, esses escravos do mundo, esses idólatras do mundo, esses que não respiram outro espírito que o espírito do mundo, e que qualquer outro bom espírito o afogam, o sufocam? *Scimus enim, quoniam totus mundus in maligno positus est*: pois nós sabemos, e o sabemos muito bem, acrescenta São João em outra parte, que todo o mundo está tiranizado do espírito maligno. Com efeito, todo o mundo é concupiscência; porque, se bem todas as paixões reinam nele, a concupiscência o domina, o tiraniza. Concupiscência da carne, desejos impuros, funesto amor dos deleites sensuais, de quantos pecados não sois fatal origem! Concupiscência dos olhos, cobiça insaciável de amontoar riquezas, hidrópica avareza, ambição sempre sedenta, quantas ruínas não haveis causado no mundo! Concupiscência da vida, vaidade louca, vaidade que só acabas com a morte, tu és o principal móvel dos desígnios, dos projetos, dos passos, dos movimentos da gente do mundo, e tudo vai parar na sepultura. O mundo passa, a concupiscência passa: *et mundus transit, et concupiscentia ejus*; mas as verdades da Religião não passam. Bom Deus, quão dignos de compaixão são os que só vivem, só alentam com o espírito do mundo!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 17 de São Mateus.

Mateus 17,14-20

> **Latim:** 14 Et cum venisset ad turbam, accessit ad eum homo genibus provolutus ante eum, dicens : Domine, miserere filio meo, quia lunaticus est, et male patitur : nam sæpe cadit in ignem, et crebro in aquam. 15 Et obtuli eum discipulis tuis, et non potuerunt curare eum. 16 Respondens autem Jesus, ait : O generatio incredula, et perversa, quousque ero vobiscum ? usquequo patiar vos ? Afferte huc illum ad me. 17 Et increpavit illum Jesus, et exiit ab eo dæmonium, et curatus est puer ex illa hora. 18 Tunc accesserunt discipuli ad Jesum secreto, et dixerunt : Quare nos non potuimus ejicere illum ? 19 Dixit illis Jesus : Propter incredulitatem vestram. Amen quippe dico vobis, si habueritis fidem sicut granum sinapis, dicetis monti huic : Transi hinc illuc, et transibit, et nihil impossibile erit vobis. 20 Hoc autem genus non ejicitur nisi per orationem et jejunium.

Português: 14 E depois que veio para onde estava a gente, chegou a elle hum homem, que posto de joelhos diante d'elle, lhe dizia: Senhor, tem compaixão de meu filho, que he lunatico, e padece muito: porque muitas vezes cahe no fogo, e muitas na agua. 15 E tenho-o apresentado a teus discípulos, e elles o não puderão curar. 16 E respondendo Jesus, disse: O' geração incredula e perversa, até quando hei de estar convosco? até quando vos hei de sofrer? Trazei-mo cá. 17 E Jesus o ameaçou, e sahio d'elle o demonio, e desde aquella hora ficou o moço curado. 18 Então se chegárão os discípulos a Jesus em particular, e lhe disserão: Porque não podémos nós lançallo fóra? 19 Jesus lhes disse: Por causa da vossa pouca fé. Porque na verdade vos digo, que se tiverdes fé como hum grão de mostarda, direis a este monte: Passa d'aqui para acolá, e elle ha de passar, e nada vos será impossivel. 20 Mas esta casta de demonios não se lança fóra senão á força de oração e de jejum.

Meditação

Do jejum e da abstinência

Primeiro ponto

Considera que a abstinência e os jejuns da Igreja não são de pura devoção, são de rigoroso preceito. Não se contentou Cristo com mandar-nos jejuar, mas ele mesmo nos deu também o exemplo. Os sagrados apóstolos estiveram muito longe de escusar-se desta lei universal. Nenhum santo houve na Igreja de Deus que não a observasse com uma extrema severidade; e quantos se dispensam hoje desta lei! Mas por que novo privilégio adquirimos nós este novo direito?

A lei da abstinência e do jejum é tão antiga como o mundo, e o quebrantamento desta lei foi a fatal origem de todas as desditas. Se Adão se tivesse abstido, se tivesse jejuado, ele não teria caído do estado da inocência, e nós seríamos felizes. Que bens não estavam pendentes de sua abstinência! E em que dilúvio de males não nos precipitou seu pecado! Quanto perdeu Esaú para satisfazer sua fome! Quanto se perde por não guardar os jejuns da Igreja de Deus! Deixar de jejuar quando o manda a Igreja não é como quer que seja uma simples desobediência, é uma espécie de idolatria, diz São João Crisóstomo; porque, entre todas as confissões ou protestos públicos que se fazem da fé que se professa, a mais solene e a mais eficaz é a do jejum, especialmente o da quaresma. Talvez não haja outra prova maior de que somos cristãos. Mas por este sinal, por esta marca, conhecer-se-á hoje no mundo grande número de verdadeiros fiéis?

Não houve idade alguma no mundo em que o jejum não fosse ato de religião e um dos mais solenes exercícios de penitência. Que homem justo se achará nem no velho nem no novo testamento que não tivesse procurado domar a concupiscência, reprimir as paixões, satisfazer por suas culpas, alcançar do Senhor novos fervores; numa palavra, que não tenha esperado fazer-se propício a Deus por meio do jejum? Faz-se hoje o mesmo conceito deste santo exercício? Crê-se que o jejum tem a mesma virtude?

Quase não há religião alguma na Igreja de Deus em que o jejum não seja um dos capitais pontos de seu instituto; há muitas em que por regra se multiplicam as quaresmas. E poder-se-á fazer estas reflexões e ver ao mesmo tempo tão a sangue-frio a escandalosa facilidade com que hoje se dispensam do jejum e da abstinência da quaresma as pessoas do mundo? Será porque se viva com maior inocência no século que nos claustros?

Não se achou em outro tempo nem sequer um só cristão entre a prodigiosa multidão dos que povoavam uma das maiores cidades do mundo que, em meio de uma cruelíssima fome, quisesse usar da dispensa geral que se concedeu a toda a cidade na abstinência e jejum da quaresma. Ó século ditosíssimo! Ó felizes tempos! Deus meu, ficou em nossos dias sequer alguma centelha daquele antigo fervor? Com tudo isso a mesma lei subsiste em todo o seu vigor, a obrigação é a mesma, é a própria moral; mas é também a mesma aquela obediência que se professa à lei?

Meu Deus, que remorsos! Que confusão! Que dor! Que arrependimento! Não permitais, Senhor, que me sejam inúteis tantas reflexões.

Segundo ponto

Considera até onde chegou hoje no mundo a relaxação e até a irreligião em matéria de jejum e de abstinência. Quantos pretextos, quantas razões frívolas se alegam para eludir a lei, ou ao menos

para enervar, para diminuir sua obrigação! Quase não há pessoa nobre ou rica que não julgue ter direito a que a dispensem. As damas sempre são muito débeis, sempre são muito delicadas para poder jejuar; os homens de conveniências nunca têm bastante saúde para guardar as abstinências da Igreja. Os médicos, na maior parte, converteram-se em advogados do amor-próprio e em agentes da relaxação. Nimiamente indulgentes em opinar contra a lei, mal têm valor para não votar a favor da dispensa.

Bom é que aquele jovem, aquele cavaleiro moço tenha saúde para jogar quatro e seis horas à péla, para passar dias inteiros na caça e para outros exercícios de diversão que não se podem fazer sem a maior robustez; mas não a há de ter para jejuar e para comer de vigília.

Bom é que aquela outra dama, fatigada de sua mesma ociosidade, tenha saúde para estar-se as seis e as oito horas no jogo e para suportar nele uma aplicação de espírito violentíssima e para passar noites inteiras nos bailes; mas sua delicadeza não poderia tolerar um dia de vigília, nem sua indevoção um dia de jejum; porque eu não vejo outra razão que possa dispensar de jejuar a este gênero de pessoas.

Bom Deus, com que licença, com que impiedade se violam hoje, especialmente pela gente jovem, as santas leis do jejum e da abstinência em tempo de quaresma! Com que facilidade se quebrantam! Ainda entre aqueles mesmos que fazem profissão de piedade se encontram não poucos que imaginam ser nocivo o peixe à sua saúde e que necessariamente está pedindo esta que se lhes dispense. De maneira que a santa, a inviolável lei da quaresma, em nossos tempos, está reduzida a quase nada, pela estranha relaxação da maior parte dos fiéis. Ainda os poucos que a observam quase perdem todo o mérito pelas mitigações com que aliviam sua abstinência e seus jejuns. Ah! Senhor, é certo que os abusos se multiplicam; mas no dia de vossa justiça, tereis muita atenção para com esses abusos!

Com que rigor observavam os primeiros fiéis a quaresma! Que frugalidade, que abstinência nas comidas! Pergunto: cometem-se hoje menos pecados que então? São mais inocentes os cristãos destes tempos que os daqueles? São mais puros os costumes? Ainda quando isto fosse assim, nem por isso deveria observar-se a quaresma com menos fervor nem com menos religião. Mas, ah! Que talvez não se terá visto século mais corrompido! Ah! Que a maldade tudo inunda! Pode haver maior desproporção que a que se encontra entre nossos costumes e os dos primeiros cristãos? E com tudo isso mal há quem jejue; a abstinência incomoda muito; todos pretendem ter direito a que se lhes dispense.

O jejum incomoda; pois digo: acaso o jejum se instituiu para o regalo? O peixe não tem bom sabor; e porventura se há de buscar a delicadeza e o gosto na penitência?

Santo Deus! E que cruéis remorsos causarão na hora da morte todos esses imaginários achaques, todas essas sonhadas necessidades, todos esses vãos pretextos, todas essas frívolas e inválidas dispensas! Mas será então tempo de descobrir o erro? Admitir-se-á a alguém que venha a dizer: eu era nobre, estava em emprego em que era muito importante minha vida e minha saúde, era de delicada compleição, não me assentava bem a comida de sexta-feira, o jejum me causava vigílias, não podia acomodar-me a este gênero de penitências?

Senhor, pois me haveis feito a graça de que conheça e deteste o erro em que vivi até aqui, não permitais que este conhecimento sirva só para pôr o cúmulo a minha passada infidelidade; ainda tenho tempo para dar-vos provas da sinceridade de meu arrependimento; esta santa quaresma em que vamos entrar será o tempo que tomarei para minha sincera penitência; espero observá-la, por vossa misericórdia, com tanta exatidão e com tão escrupulosa pontualidade que isto mesmo acredite bem quanto me aproveitei desta meditação.

Jaculatórias

> *Ipse me reprehendo, et pœnitentiam ago.* Jó 42.

Pois eu mesmo conheço meus pecados, eu tomarei a meu cargo fazer penitência deles.

> *Ego sum qui peccavi, et ego inique egi.* 2 Rs 24.

Pois eu sou o delinquente, pois eu sou o culpado, justo é que seja também o penitente.

Propósitos

1. Mal posso ter-me em pé, dizia o santo rei Davi; meus joelhos se debilitaram com o jejum, e a abstinência me extenuou muito. Quantos destes ilustres penitentes se acharão hoje entre os grandes do mundo? Mas encontrar-se-ão muitos mesmo entre o povo? Está desterrado o jejum das casas nobres e ricas; os que têm mais necessidade e mais comodidade de jejuar são os que com menos escrúpulo se imaginam dispensados. Coisa estranha! Deixa uma terna donzelinha o mundo e, levando ao claustro sua inocência, ali a nutre, ali a conserva com perpétuo jejum, com uma contínua abstinência que só se acaba com a vida; ao mesmo tempo que aquela outra irmã sua, metida em meio do grande mundo, não perdendo diversão, concurso, entretenimento nem festejo, cada dia menos pura e cada dia mais abominável aos olhos do Senhor, não pode jejuar; sua delicadeza, sua ociosidade, seu melindre não se podem acomodar com alguns dias de abstinência, segundo o preceito da santa Igreja. Esta é uma reflexão prática que compreende inumeráveis pessoas. Examina bem se te remorde a consciência num ponto que a tantos e a tantas fará chorar. Tens jejuado muito regularmente desde que te obriga o jejum? Não deste demasiados ouvidos a teu amor-próprio, a tua delicadeza, que sempre estão clamando por alívios e por dispensas? E ainda quando pretendeste jejuar, parece-te ter cumprido bem e exatamente com o preceito, usando de tantas mitigações e de tanta intemperança na prática do mesmo jejum? Olha se acaso algumas colações não poderiam passar decentemente por ceias. E essas bebidas que introduziu a

sensualidade e que a relaxação quis que fossem necessárias, estás certo de que não quebrantam a lei? Parece-se teu jejum com o dos primeiros cristãos? Descobre-se nele algum caráter de mortificação e de penitência? Passará aos olhos de Deus por verdadeiro jejum? Quando o jejum e a abstinência se temperam com a devoção e com a oração, são eficacíssimos meios para adiantar na perfeição. Têm este caráter teus jejuns e tuas abstinências? Observam-se algumas vezes certos jejuns de devoção e quebrantam-se os de preceito; eis aqui uma matéria muito ampla de exame para não poucas pessoas.

2. É o jejum exercício de penitência: logo não se deve pretender que seja cômodo, que seja regalado, que seja grato ao amor-próprio e aos sentidos; procura que se deixe ver daqui em diante que são penitência teus jejuns: guarda-te bem de que estes se reduzam só a uma simples abstinência de certas viandas proibidas. O jejum é preciso que seja verdadeiro jejum, isto é, privação de todo gênero de alimento a certas horas. Consiste o verdadeiro jejum em fazer uma só comida de vinte e quatro em vinte e quatro horas, e só por indulgência se permite uma colação que não deve ser comida. Impõe-te como lei inviolável jejuar com a maior exatidão; não provar coisa alguma entre comida e colação; e que esta seja muito frugal. Não é lícito usar nela mais que legumes, frutas, sopas ou manjares semelhantes: e ainda dentro das espécies permitidas se deve evitar aquela multidão ou diversa variedade de saladas e de pratos que, quando não na qualidade, ao menos na quantidade, expõem a colação a perigo de converter-se em ceia. Toda outra espécie de viandas está proibida; mas quão de temer é que sejam falsos jejuns todos esses jejuns mitigados! Faze propósito de não usar no dia de jejum nenhuma dessas bebidas que se fizeram tão da moda; umas o quebrantam, outras ao menos o debilitam, e todas certamente são contrárias ao espírito e à perfeição do jejum. De hoje em diante procura jejuar segundo o espírito e a intenção da Igreja, e reconhecerás talvez que até agora nem um só dia jejuaste bem. Não sejas causa de que tua família e teus criados deixem de jejuar, carregando-os com trabalho muito pesado ou reduzindo-os por teu desgoverno de horários a que em dias de jejum comam demasiado tarde. A ordem e o bom exemplo farão cristã tua família.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:11 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:12 by Admin